

O CONTRIBUTO DO GRAND TOUR NO DESENVOLVIMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DE MÉTODOS DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO.

DAVID ELEUTÉRIO

O CONTRIBUTO DO GRAND TOUR NO DESENVOLVIMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DE MÉTODOS DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO.

THE CONTRIBUTION OF THE *GRAND TOUR* TO THE DEVELOPMENT AND IMPLEMENTATION OF CONSERVATION AND RESTORATION METHODS.

DAVID ELEUTÉRIO¹

davideleuterio88@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0000-0334-4851>

Resumo

A recepção da Antiguidade Clássica no ciclo intelectual europeu do segundo quartel do século XVIII, propiciou o progressivo desenvolvimento e implementação de um quadro metodológico e normativo em prol da conservação e restauro dos sítios arqueológicos vesuvianos. Primeiramente Herculano (1738) e, posteriormente Pompeia (1748), exerceriam não somente fascínio e assombro aos olhos da aristocracia europeia em seu *Grand Tour* pelo *mezzogiorno* italiano, mas exigiriam da periférica e juvenil Corte Partenopeia, assim como dos sucessivos delegados régios, ações efetivas de salvaguarda patrimonial. O presente artigo tem por finalidade apresentar parte do acervo documental e gráfico desta fase histórica, o qual atesta o gradual processo de desenvolvimento de mecanismos legais e interventivos com os percursos e os percalços que a nascente Ciência Arqueológica teve que administrar. Como teremos oportunidade de demonstrar, tal exame revela os limites da prática metodológica, muito embora adotassem princípios que antecipariam a moderna teorização conservativa e de restauro.

Palavras-chave: Arqueologia Clássica. Conservação e Restauro. Legislação Patrimonial. Recepção da Antiguidade e Sítios Vesuvianos.

¹ Doutor em Arqueologia, desde 2020, com o projeto de tese intitulado: "Análise do atual estado de conservação das estruturas arquitetônicas das Insulae 3 e 4 da Regio VI do Complexo Arqueológico de Pompeia (Campânia - Itália)", o qual foi financiado pela Agência CAPES e se desenvolveu mediante co-tutela entre a Universidade de Coimbra e a Università degli Studi di Napoli L'Orientale. Tem como âmbito de investigação a Conservação Preventiva, a Monitorização do Patrimônio, a Promoção da Herança Cultural e a Ciência Cidadã.

Membro do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Patrimônio (CEAACP) da Universidade de Coimbra. Investigador Associado do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP), do Museu de Arqueologia e Etnologia, da Universidade de São Paulo.

Abstract

The reception of Classical Antiquity, in the European intellectual cycle of the second quarter of the 18th century, led to the progressive development and implementation of a methodological and normative framework for the conservation and restoration of Vesuvian archaeological sites. First Herculaneum (1738), and later Pompeii (1748), would not only fascinate and amaze the European aristocracy on their Grand Tour in the Italian mezzogiorno, but would also require effective heritage protection measures from the peripheral and youthful Neapolitan Court, as well as from successive royal delegates. The purpose of this article is to present part of the documental and graphic collection from this historical phase, which attests the gradual process of developing legal and interventionist mechanisms with the paths and setbacks that the nascent Archaeological Science had to manage. As we will have the opportunity to demonstrate, such examination reveals the limits of methodological practice, even though they adopted principles that anticipated modern conservative and restoration theory.

Keywords: *Classical Archaeology. Conservation and Restoration. Heritage Legislation. Reception of Antiquity. and Vesuvian Sites.*

Introdução

No decurso do segundo quartel do séc. XVIII, com o advento da cultura neoclássica, a qual tem como primado os contributos de Johann Joachim Winckelmann (1717-1768), humanista que concebeu os cânones sob os quais se viria a sequenciar a História da Antiguidade Clássica; concomitantemente às publicações e reproduções de Giovanni Battista Piranesi (1720-1778), protagonizar-se-ia a Ciência Arqueológica (Winckelmann, 1789; Ferrari, 2015, p. 421-437).

No ano de 1707, na Inglaterra, havia sido constituída *The Society of Antiquaries*, instituição que promoveria no seio das elites intelectuais europeias a ânsia pelo conhecimento e catalogação *in loco* das recentes descobertas arqueológicas em solo itálico e helênico, estando na origem do *Grand Tour* (Pearce, 2007). Este período coincide com a afirmação da metodologia conservativa e de restauro, em resposta aos trabalhos de desterro das cidades vesuvianas, primeiramente de Herculano (1738) e, posteriormente, de Pompeia (1748) (Fernández Murga, 1964, p. 5-27; Mora, 1998, p. 108-114; Moormann, 2015, p. 95-164).

Posto isso, é premente que examinemos, *a priori*, quais os critérios considerados em cada gestão administrativa, desde o desterro borbônico, bem como os discursos e vertentes ideológicas que estiveram por detrás das medidas implementadas. É necessário que examinemos quais os produtores e os receptores das mensagens no momento da aplicação e o reflexo das decisões no atual estado de conservação dos sítios vesuvianos.

Como se demonstrará adiante, a estratégia política borbônica faz uso da notoriedade excepcional dos sítios arqueológicos, num contexto histórico de crescente interesse colecionista (Vázquez Gestal, 2016, p. 373-385). De fato, a recepção histórica do passado obterá o seu ápice precisamente no decorrer do séc. XVIII, quando foi vinculada ao absolutismo ilustrado, como modelo de governo, que previa a exaltação do Reino e do poder do soberano (Papagna, 2013, p. 306-335; Papagna, 2015, p. 2-8; Papagna, 2017, p. 109-116). Ambas as componentes serão habilmente implementadas por Carlos VII que, ao considerar o carácter

periférico e juvenil do Reino das Duas Sicílias, porá mãos à empreitada de desterrar Herculano e Pompeia, como forma de estabelecer laços diplomáticos e de resgatar um passado clássico glorioso, que secularmente unificou o território e as suas gentes (Bragantini, 2017, p. 207-215; D'Alconzo, 2017, p. 127-145).

O Projeto Carolíngio: recepção e usos da Antiguidade Clássica

É legítimo afirmar que o reconhecimento da localização das ruínas de Pompeia, pela Corte espanhola, ocorre antes mesmo da conquista do Reino de Nápoles por Carlos VII, em 1734 (Fernández Murga, 1965, p. 5-52), embora a confirmação de se tratar da *Colonia Cornelia Veneria Pompeianorum* surgisse apenas no ano de 1763, no qual se dá a descoberta da epígrafe epônima:

Embora as escavações já tivessem iniciado, esporadicamente, desde 1748 - as ruínas já haviam sido identificadas em 1592, quando se procedeu à construção de um canal que cruzava as ruínas de Pompeia - ainda assim discutia-se sobre a designação da cidade; apenas anos depois, em 1763, a identificação da inscrição «*res publica pompeianorum*» provou-o claramente (Kunze, 1982, p. 28, tradução própria).²

Como é sabido, o início das atividades de desterro de Pompeia decorreram no dia 2 de abril de 1748, sob a direção do General Roque Joaquín de Alcubierre, o qual solicitava ao ministro de Estado, Marquês Fogliani, por meio de carta endereçada no dia 23 de março de 1748, o destacamento de operários para a localidade de *Civitas* (Fernández Murga, 1989, p. 77). Todavia, esta primeira fase de trabalhos revelou-se

² Johann Joachim Winckelmann em base ao confronto das fontes contemporâneas e antigas concluiria, como demonstra Max Kunze. No original: "Zwar hatten hier seit 1748 schon sporadisch Grabungen begonnen - die bereits 1592 durch Gräben bei einem Kanalbau, der quer über die Ruinen von Pompeji ging, zutage getretenen Ruinen waren längst vergessen - doch stritt man noch immer über die Benennung der Stadt; erst ein Jahr später, 1763, kam eine Inschrift zutage, die die «*res publica pompeianorum*» eindeutig nachwies" (Kunze, 1982, p. 28). Acerca da identificação do topónimo *Civitas* como *locus* de Pompeia merece particular refererência a tese proposta por Lucas Holstein. Vide: HOLSTEIN, Lucas. *Annotationes in Geographiam Sacrum Caroli a S. Paulo; Italiam Antiquam Cluverii et Thesaurum Geographicum Ortelii, quibus accedit Dissertatio duplex de Sacramento confirmationis apud Graecos*. Romæ: Typis Iacobi Dragondelli, 1666, p. 243.

menos frutífera do que a campanha de Herculano, a qual continuará a captar o maior contingente de esforços nos anos subsequentes (Carrafiello, 2006, p. 166-167). É o que demonstra, inclusivamente, o relato de Sir William Hamilton (1731-1803) à *Society of Antiquaries of London*, no qual descreve o desdobramento dos trabalhos de desterro em Pompeia, os edifícios visíveis à data e o respectivo traslado do espólio para o Real Museu de Portici (Hamilton, 1777, p. 3-18).

O distender dos labores de desterro, referido na tese doutoral de Félix Fernández Murga, é-nos também narrado por Johann Joachim Winckelmann:

[...] os trabalhos conduzem-se com muita indolência e lentidão; apenas cinquenta homens foram distribuídos por todas as galerias subterrâneas, mesmo a contar com os escravos provenientes da Argélia e da Tunísia: para desenterrar uma cidade tão grande como Pompeia, eu não encontrei na minha última viagem que oito homens a trabalhar (Winckelmann, 1764, p. 19, tradução própria).³

Desta afirmação extraímos duas conclusões: a primeira, sobre o real objetivo do desterro borbônico, o qual consistiu numa autêntica espoliação das ruínas, de forma a obter o maior número possível de achados arqueológicos, que demonstrassem valor de colecionismo e fossem dignos de serem expostos no Real Museu (Leander Touati e Cederlöf, 2016, p. 151-166); a segunda, a da predileção por Herculano, uma vez considerado que as circunstâncias históricas, o contexto deposicional e a toponímia secular de Pompeia

Figura 1: Johann Joachim Winckelmann. 1762. Sendschreiben von den Herculanischen Entdeckungen é primeiro relato crítico sobre os procedimentos metodológicos do desterro dos sítios vesuvianos. Dois anos mais tarde publicaria as *Nachrichten von den neuesten Herculanischen Entdeckungen*.



³ No original: "les travaux sont poussés avec beaucoup d'indolence & de lenteur; l'on n'a distribué que cinquante hommes dans tous les lieux souterrains, en comptant même les esclaves d'Alger & de Tunis: pour déterrer une aussi grande Ville que Pompeii, je ne trouvai dans mon dernier voyage que huit hommes au travail" (Winckelmann, 1764, p. 19). Félix Fernández Murga faz menção a Johann Joachim Winckelmann, uma vez considerada a posição privilegiada que detêm na Corte Partenopeia, o que o torna uma fonte de relevo na compreensão da política régia carolíngia. Vide: WINCKELMANN, Johann Joachim. Notizie su altre antichità di Pompei, di Stabbia, di Pello, e di Caserta. In: *Antologia Romana* XII. Roma: Supplemento a Horti Hesperidum, 1779, p. 89-92.

teriam corroborado a favor da usurpação do repertório decorativo passível de ser classificado como de interesse à propaganda régia (Allroggen-Begel, 1990, p. 27-46).

Sabemos que, a partir de 1758, Johann Joachim Winckelmann visitou a corte de Carlos VII quatro vezes, graças à recomendação do Príncipe da Saxônia, irmão da Rainha consorte Maria Amália, que lhe permitiu acesso privilegiado aos trabalhos de desterro das cidades vesuvianas, assim como ao Museu do Palácio de Portici, sob a supervisão de Camilo Paderni (Allroggen-Begel e Kammerer-Grothaus, 1983, p. 88-89). O seu juízo crítico, pleno de advertências, fez-se conhecer por meio das *Sendschreiben von den Herculanischen Entdeckungen* (Figura 1), publicadas em 1762.

Tendo em consideração o parecer de Johann Joachim Winckelmann é notório o descaramento, no que concerne ao registro e à conservação do contexto arqueológico, como conclui Charlotte Roberts: “esses relatos também revelam, no entanto, a relutância de Winckelmann à algumas das tensões inerentes às suas próprias teorias que, trazidas à tona pelo seu encontro com esses sítios, não obstante, não estão completamente resolvidas” (Roberts, 2015, p. 74, tradução própria).⁴ De fato, um exame atento dos diários de campo revela as limitações da prática metodológica dos engenheiros espanhóis sob a direção da Coroa Borbônica, Roque Joaquín de Alcubierre (1738-1764), a quem sucede Francesco e Pietro La Vega (1764-1810), muito embora adotassem

Figura 2: *Prammatiche del Regno di Napoli*. 1804. Coleção de XV Tomos, que congrega as normativas para o exercício do direito nas províncias sob jurisdição régia.



⁴ Charlotte Roberts é veemente ao afirmar a resistência teórica patente nas considerações de Johann Joachim Winckelmann e as relaciona com o advento setecentista da adoção do modelo estético «à Erculanum». No original: “these accounts also reveal, however, Winckelmann’s struggle with some of the tensions inherent in his own theories that, brought to the fore by his encounter with these sites, are nevertheless not fully resolved” (ROBERTS, 2015, p. 74). A respeito dos cânones definidos por Johann Joachim Winckelmann, vide: WINCKELMANN, J. *Histoire de l’Art chez les Anciens par M. Winckelmann; traduite de l’allemand par M. Huber*. Tome II. Paris: Chez Barrois [et] Savoye, 1789, p. 138-163.

princípios que antecipariam a moderna teorização conservativa e de restauro (Alcubierre, 1756; Pagano, 1997).

No que tange à legislação do Reino borbônico referente à tutela arqueológica dos bens provenientes do contexto de escavação, no dia 16 de outubro de 1755 foi emitida a primeira normativa a proibir a extradição de antiguidades sem a autorização por salvo-conduto régio. Como demonstra o despacho de renovação, que consta do Tomo IV, da Nuova Collezione delle Prammatiche del Regno di Napoli (Figura 2), assinado por Bernardo Tanucci, no dia 10 de agosto de 1766:

Despacho expedido pela Secretaria do Estado da Casa Real e dos Negócios Estrangeiros, em data de 2 do corrente mês de Agosto, o qual é do seguinte teor: Deseja o Rei, que contesta a Câmara Régia, que disponha a renovação do Decreto, publicado em 16 de outubro de 1755, relativo à extração de antiguidades desta fidelíssima Cidade e Reino, com a publicação inclusive pela estrada dos Ourives e com a inclusão dos Mezzani, que se enredam em tais negociações, e sob as penalidades contidas no Decreto; às quais para os Forasteiros se adicione a extradição do Reino (Secreteria di Stato, 1804, p. 208-209, tradução própria).⁵

O estatuto de «forasteiro», o qual regula o acesso e circulação no Reino de Nápoles, foi examinado minuciosamente por Paula Avallone. Do estudo se conclui que a composição do quadro legal pressupõe uma autêntica política régia de vigilância severa das fronteiras, sob pena de severas sanções aos infratores, cujas implicações recaem não apenas sobre os viajantes, mas também abarca súbditos sem vínculo laboral ou domiciliário reconhecido. Como a mesma afirma: “a pragmática austríaca, com as anteriores, constituiu o pilar sobre o qual se formou o aparato de controle das pessoas que provinham do exterior ou das

⁵ No original: “Dispaccio spedito per la Segreteria di Stato della Casa Reale, ed A# ari Esteri in data del dì 2. del corrente mese di Agosto, qual è del tenor seguente: Vuole il Re, che contesta Regia Camera disponga la rinovazione del Bando pubblicato a'16. Ottobre 1755. relativo all'estrazioni delle antichità da questa fedelissima Città, e Regno, con pubblicarsi anche per le strade degli Orefici, e comprendersi altresì i Mezzani, che s'intrigano in simili negozj, e sotto le pene contenute nel Bando; alle quali per li Forestieri si aggiunga lo sfratto dal Regno.” (Secreteria di Stato, 1804, p. 208-209). Esclarecedor sobre o impacto legislativo na metodologia doravante adotada em Pompeia, é o artigo de Nicolo Ruggiero. Vide: RUGGIERI, Nicolo. Il restauro dell'architettura nel Regno di Napoli (1734-1799) criteri e metodi d'intervento. In: Bollettino Ingegneri. Vol. 11-12. Firenze: Editto da Collegio degli Ingegneri della Toscana, 2017, p. 16.

províncias do Reino na cidade elevada a capital com Carlos de Bourbon” (Avallone, 2006, p. 173, tradução própria).⁶

Tal normativa, para além da clara função de fiscalização da circulação no jovem Reino borbônico, pressupunha, a montante, uma inspeção de potenciais informantes e espias delegados por rivais da Coroa, bem como o transporte indevido de antiguidades (Barrella, 2003, p. 1-19). A política borbônica era clara quanto à propriedade das antiguidades, assim como ao acesso aos sítios arqueológicos e ao Museu de Portici (Trotta, 2008, p. 93-101). O controle estatal reconhecia a notoriedade excepcional dos achados e do repertório museográfico, pelo que promoveria um minucioso quadro metodológico de restauro, o qual visava à excelência da maestria das oficinas de Portici e, concomitantemente, servia os interesses diplomáticos, pela cura dos donativos concedidos às principais casas reais europeias (Prisco, 2008, p. 189-202).

De tal forma a figura régia representava o pleno exercício de *scientiarum et artium instaurator*, que este epíteto *emblemata* a fachada do Museu de Portici (Ciardiello, 2009, p. 144). A repercussão estende-se da Península Ibérica aos territórios da Prússia e do longínquo Império Russo que, desejosos de adquirir a sua parte no *bottino*, não tardaram a enviar embaixadas à Corte Partenopeia (Di Filippo, 2005, p. 243-246; Pingaro, 2018, p. 104). Carlos VII (Figura 3) aproveitou-se habilmente desta posição vantajosa no panorama político internacional para legitimar o expansionismo na Itália meridional bem como fortalecer sua autoridade como herdeiro da Coroa Espanhola (Reale Accademia Ercolanesi, 1757, p. 265-266; Almagro-Gorbea, 2012, p. 22).

Figura 3: Le Antichità di Ercolano Esposte. 1757. Frontispício do primeiro volume dedicado a Carlos de Bourbon, “Le pitture antiche d’Ercolano e contorni” obra composta por mais quatro volumes dedicados à pintura, publicados em 1760, 1762, 1765 e 1779.



⁶ No original: “la prammatica austriaca, con le precedenti, costituì l’impalcatura sulla quale si formò l’apparato di controllo delle persone che provenivano o dall’estero o dalle province del Regno nella città assunta a Capitale con Carlo di Borbone” (Avallone, 2006, p. 173).

O contributo do Grand Tour na conservação e restauro do construído arqueológico

Pertinente para a compreensão do *itinerarium* meridional é o estudo realizado por Giovanna Ceserani, no âmbito do *Grand Tour Project*, o qual desenvolve em parceria com o *Stanford's Center for Spatial and Textual Analysis* (CESTA) o levantamento estatístico das correspondências permutadas entre 69 viajantes ingleses entre os anos de 1701 e 1800 (Ceserani et al., 2017, p. 425-450).

Nesta fase, os relatos difundidos, tanto por via epistolar quanto pela publicação dos diários de viajantes, tiveram uma dupla função: informar as Cortes e intelectuais europeus acerca do andamento dos trabalhos e, em segunda instância, contribuir para instituir um quadro regulador a ser considerado na gestão da Corte Partenopeia (Moormann, 2018, p. 7-8). Mariette de Vos é categórica ao afirmar: “é irrefutável o estímulo exercido pelos viajantes e colecionadores estrangeiros, sobretudo ingleses, de passagem por Roma e Nápoles - estações obrigatórias no *Grand Tour* - para a tomada de consciência do valor das ruínas antigas” (De Vos, 1993, p. 112, tradução própria).⁷

Devemos ainda considerar que a definição do *itinerarium* da classe aristocrática europeia se definiu por dois elementos que lhe eram inerentes: a busca por uma erudição de carácter enciclopédico, vinculada à visão *pittoresque* do *mezzogiorno* italiano, que era composta pela diversidade histórico-cultural e riqueza paisagística (Capuzzo, 2013, p. 7-28; D'Angelo, 2014, p. 151-159; Mea, 2015, p. 37-42; Rossi, 2017, p. 2113-2117; Pérez Saborido, 2017, p. 2127-2132). De fato, a paisagem em ruína, por antonomásia, aos olhos dos viajantes provenientes dos países da Europa Central e Setentrional, oferecia não

⁷ No original: “è irrefutabile lo stimolo esercitato dai viaggiatori e collezionisti stranieri, soprattutto inglesi, di passaggio a Roma e a Napoli - stazioni d'obbligo nel Grand Tour - sulla presa di coscienza del valore dei resti antichi” (De Vos, 1993, p. 112). Na fundamentação da afirmação de Mariette de Vos é crucial a publicação contemporânea da autoria de Jeremy Black. Vide: BLACK, Jeremy. *The British Abroad: The Grand Tour in the Eighteenth Century*. New York: St. Martin's Press, 1992.

apenas um regresso à matriz clássica, mas o reconhecimento *in loco* (Figura 4) das morfologias naturais e arquitetônicas (Hamilton, 1776, p. 14-21; Hamilton, 1781, p. 419-438; Casero, 2008, p. 37-45; Mondini, 2017, p. 7-18). Como constata Nelson Moe: “o interesse pelo Vesúvio aumentou consideravelmente após o início das escavações em Herculano e Pompeia” (Moe, 2006, p. 44).⁸

Ao nos atermos à descrição do Golfo Campaniense, o relato de Johann Wolfgang von Goethe exemplifica o fascínio que Pompeia exercia sobre o olhar dos contemporâneos: “da muita calamidade que houve no mundo, pouca trouxe tanto júbilo à posteridade. Eu desconheço algo mais interessante. As casas são pequenas e acanhadas, mas todos os interiores são pintados com exímia delicadeza” (Goethe, 1837, p. 333, tradução própria).⁹

Estamos perante eruditos aristocratas que, como o próprio, haviam prolongado o seu *itinerarium* até ao *mezzogiorno* italiano, graças ao relato epistolário de Winckelmann que, ao referir-se à conservação das pinturas parietais, alerta o Conde de Brühl para a arbitrariedade de como as mesmas vinham sendo removidas, uma vez que não eram respeitados os cânones necessários para o ingresso no

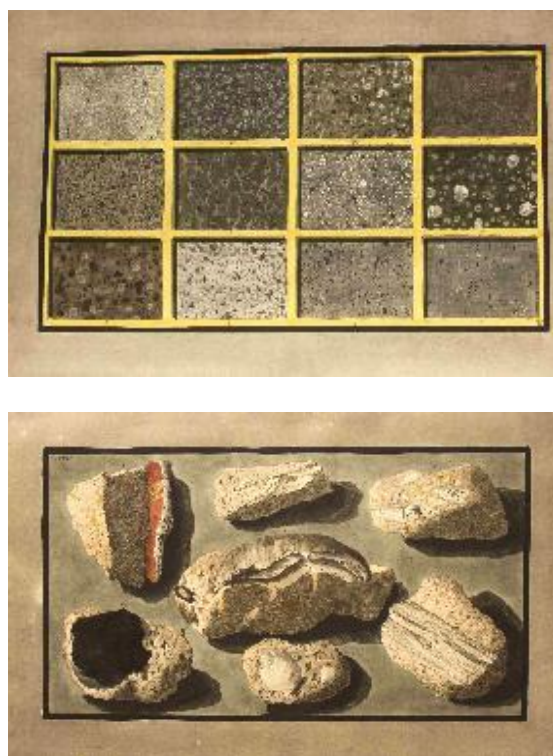


Figura 4: William Hamilton. 1776. *Campi Phlegræi. Observations on the volcanos of two Siciles*. Catálogo composto por 54 composições ilustrativas da orografia e morfologia dos territórios Campaniense e Siciliano, ao que acrescem os estudos mineralógicos. Na segunda composição vemos os exemplares de tufo amarelo de Campos Flégreos empregues na construção do Teatro de Herculano. A primeira composição dispõe 12 lâminas de espécimes de lava traquítica do Vesúvio, amplamente utilizadas nas construções dos sítios vesuvianos.

⁸ No original: “the interest in Vesuvius increased greatly after the beginning of excavations at Herculaneum and Pompeii” (Moe, 2006, p. 44). Pertinente ao crescente interesse científico-humanista, vide: CIARALLO, Annamaria. *Scienziati a Pompei tra Settecento e Ottocento*. Studi della Soprintendenza Archeologica di Pompei 14. Roma: «L'ERMA» di BRETSCHNEIDER, 2007, p. 46.

⁹ Johann Wolfgang Goethe acresce ao relato a informação da visita subsequente a *Reggia di Portici*. No original: “Es ist viel Unheil in der Welt geschehen, aber wenig, das den Nachkommen so viel Freude gemacht hätte. Ich weiß nicht leicht etwas Interessanteres. Die Häuser sind klein und eng, aber alle inwendig aufs zierlichste gemalt.” (Moe, 2006, p. 44). Atinente ao tema é a coletânea de Lucio Fino. Vide: FINO, Lucio. *Il Vesuvio nel Grand Tour. Vedute e scritti di ter secoli*. Napoli: Grimaldi Editori, 2012.

Real Museu de Portici (Lattanzi, 2017, p. 292). De fato, demonstra Fausto Zevi: “já em dezembro de 1757 encontramos notícias escritas sobre tais práticas e será depois de uma prolongada série de demolições em Pompeia que, finalmente, em novembro de



1763, um édito real porá fim ao procedimento” (Zevi, 1981, p.11, tradução própria).¹⁰ Diversamente, o repertório iconográfico, cujo estado de conservação e relevância estética fossem aprazíveis aos olhos da Corte borbônica, era extraído do contexto original segundo o método «a massello», técnica recorrente no mundo clássico, nos sendo reportada inclusive pelos registros descritivos de Plínio¹¹ e Vitrúvio¹² (Figura 5).

Em Herculano e, posteriormente, nos demais sítios vesuvianos, desde 1739, procedia-se ao traslado dos painéis pictóricos, sob a inspeção de Joseph Canart, para a pinacoteca régia (D’Alconzo, 2002, p. 16-17). A informar-nos acerca do decorrer dos trabalhos é, novamente, o relato de Jean-Claude Richard de Saint-Non, no seu *Voyage pittoresque* ou *Description des royaumes de Naples et de Sicile*, onde adverte sobre a experiência *in loco* de observância do método de extração: “cortamos o muro por trás e removemos, em seguida, a pintura” (Saint-Non, 1781-1786, p. 2, tradução própria).¹³

Com o objetivo de suprir a inexistência de uma estrutura propícia

Figura 5: Casa del Bracciale d'Oro VI 17,42. Afresco pertencente ao oecus 32, parede N. III estilo pompeiano, datável entre 30-35 d.C. Os trabalhos de desterro da domus iniciaram-se em período borbônico entre 1758 e 1763. No entanto, a escavação sistemática teve lugar apenas na década de setenta do séc. XX. A decoração do oecus, encontrada em estado fragmentário, foi objeto de destacamento e recomposição da superfície decorativa, ao que se seguiu o restauro entre 1979 e 1983 (Ciardiello, 2012, p.171-183).

¹⁰ No original: “già nel Dicembre 1757 troviamo notizia scritta di tale pratica e sarà dopo una prolungata serie di demolizioni a Pompei che, finalmente, nel Novembre 1763 un rescritto reale metterà fine alla vicenda” (Zevi, 1981, p. 11).

¹¹ Para elucidar sobre a técnica de extração da superfície pictórica, Plínio faz uso da narrativa varoniana acerca do episódio do traslado das pinturas presentes no Templo de Ceres, que foram reutilizadas na decoração do Circo Máximo: “Ex hac cum reficeretur, crustas parietum excisas tabulis marginatis inclusas esse” (Plin. Nat. Hist. XXXV, 45, 23).

¹² Já Vitrúvio exemplifica, claramente, a aplicação do método de extração: “picturae excisae intersectis lateribus inclusae sunt in ligneis formis” (Vitr. De Arch. II, 8, 9).

¹³ No original: “on scie la muraille par derrière et on enlève en suite le tableau” (Saint-Non, 1781-1786, p. 2). Todavia, paulatinamente, a seleção dos painéis passaria a ser altamente criteriosa, considerando o parecer favorável à conservação *in situ* de Pietro Bianchi ao que acresce a escassez de espaço no *Museo Reale*, como atesta a dimensão do acervo no início do segundo quartel do séc. XIX. Vide: BIANCHETTI, Pierluigi; BON VALSASSINA, Caterina; TALARICO, Fabio. *Filologia dei materiali e trasmissione al futuro: indagini e schedatura sui dipinti murali del Museo Archeologico Nazionale di Napoli*. Roma: Gangemi Editore, 2016, p. 7.

à permanência dos forasteiros e estudiosos, que desejassem pernoitar junto às ruínas de Pompeia, Francesco La Vega propõe, no dia 14 de abril de 1792, em seu diário de escavação:

Deveria construir-se uma pousada e taberna juntas, unidas à cidade de Pompeia, exatamente similares às casas dos antigos. Uma casa feita desta forma certamente seria de instrução tal, que não poderia obter-se nem pela mais profunda meditação sobre os autores antigos, nem pelas observações mais sérias sobre as casas que permanecem descobertas em Pompeia (Pagano, 1997, p. 59, tradução própria).¹⁴

Proposta que deve ser considerada pela originalidade de conciliar a carência de estruturas de alojamento e alimentação com as necessidades dos estudiosos e demais visitantes de cariz educativo (Avallone, 2010, p. 73-84). Neste processo pedagógico, também desempenharam função preponderante as vedute de Jacob Philipp Hackert (1737-1807), que documentam os trabalhos de desterro (Figura 6) e a série de tempere de Antonio Canova (1757-1822), onde figuram temas idílicos pompeianos (Roettgen, 2013, p. 132-135; Missirini, 2016, p. 333-337).

Neste período, os viajantes através dos relatos contribuíram, ininterruptamente, para compor a primeira base documental de que dispomos para descrever os sítios vesuvianos. De fato, a política régia valeu-se de todos os mecanismos para promover e propagar a imagem da monarquia, como nota Agnes Allroggen-Bedel: “as escavações e todas as atividades relacionadas – Museu, Oficinas de Restauração, Publicação – constituíram parte integrante da ‘política cultural’ borbônica que, por sua vez, foi incorporada à concepção política global” (Allroggen-Bedel, 1996, p. 248, tradução própria).¹⁵

¹⁴ No original: “Dovrebbe fabbricarsi una locanda ed osteria insieme, unita alla città di Pompei, esattamente uniforme alle case degli antichi. Una casa così fatta sarebbe certamente d’istruzione tale, che simile non potrebbe ottenersi, né dalla meditazione più profonda sugli antichi autori, né dalle osservazioni le più serie sulle case che rimangono scoperte in Pompei” (Pagano, 1997, p. 59). Pertinente sob esse aspecto é o relato do diário de Giuseppe Maria Galanti (1743-1806), o qual narra a percepção advinda da visita a Pompeia. Vide: GALANTI, Giuseppe Maria. 1790. Della descrizione geografica e politica delle Sicille. Tomo IV. Napoli: Presso li Socj del Gabinetto Letterario, 1790, p. 61-62.

¹⁵ No original: “Die Grabungen und alle damit verbundenen Unternehmungen - Museum, Restaurierungswerkstätten, Publikation - waren fester Bestandteil der borbônischen Kulturpolitik, die ihrerseits in das politische Gesamtkonzept eingebunden war” (Allroggen-Bedel, 1996, p. 248).

No entanto, os sítios vesuvianos não representam um ambiente idílico aos viajantes em muitos aspectos (Benoit et al., 2014, p. 179-183). Carl Friedrich Benkovich, no seu diário de viagem, ao referir-se à visita decorrida no dia 4 de Dezembro de 1802 em Pompeia, descreve a sua perplexidade pelo contraste existente entre a ilusão proporcionada pela paisagem parnasiana criada pelas ruínas e a consternação perante o comportamento dos frequentadores e a manutenção das mesmas:



Figura 6: Jacob Philipp Hackert. 1793. Veduta della Porta di Pompei e della strada che vi conduce. Gravura de 23cm x 30,5cm, pertencente à coleção online do British Museum. Um dos primeiros registros de que dispomos do ingresso de Porta Ercolano e do percurso da Via Consolare.

Encontrava-me a meio das ruínas de Pompeia, quando avistei um velho inválido sentado a deixar-se barbear pelas mãos de outro; na soleira de uma casa antiga vi duas mulheres, uma das quais procurava algo na cabeça da outra, o que considero melhor não nomear. Essas pessoas também imploram, gritam, na ausência de qualquer respeito; essas cenas profanas perturbam o prazer e a ilusão dos que por ali passam” (Benkowitz, 1806, p.10, tradução própria).¹⁶

Transcorrido pouco mais de um ano desta narrativa, no dia 11 de Janeiro de 1804, o Visconde François-René de Chateaubriand sugeriria que se tomassem as seguintes medidas interventivas, considerando o carácter excepcional das ruínas pompeianas:

¹⁶ No original: “*Ich habe mitten in Pompeji einen alten Invaliden sitzen sehen, der sich von einem andern barbieren ließ; und auf der Schwelle eines antiken Hauses sah ich zwei Weiber, wovon die eine etwas auf dem Haupte der andern suchte, das man besser nicht nennt. Da diese Menschen auch betteln, sich schimpfen, schamlos sich in jeber Rücksicht betragen, so wird man durch diese unheiligen Scenen etwas in seinem Genusse und in der Illusion gestört*” (Benkowitz, 1806, p. 10). Pertinente é quanto argumenta Eric Moormann, com base no relato de Benkowitz, vide: MOORMANN, Eric. Guides in the Vesuvius Area Eternalised in Travelogues and Fiction. In: *Rivista di Studi Pompeiani* 5. Roma: «L'ERMA» di BRETSCHNEIDER, 2003, p. 32-33.

Haveria, na minha opinião, algo melhor a ser feito: seria deixar as coisas no lugar onde são encontradas e como são encontradas, repor os telhados, tetos, pisos e janelas, para evitar a degradação de pinturas e paredes; levantar a velha muralha da cidade, fechar as portas; enfim, estabelecer uma guarda de soldados com alguns estudiosos versados nas artes. Não seria este o mais maravilhoso museu da Terra? (Chateaubriand, 2014, p. 49, tradução própria).¹⁷

Este não é o primeiro registro que possuímos de uma proposta favorável à musealização a céu aberto de Pompeia e da manutenção *in situ* do repertório proveniente das campanhas de desterro (Berrino, 2014, p. 17). Todavia, a natureza extraordinária desta visão integrada entre paisagem, contexto urbano e vestígios materiais acabaria, progressivamente, por se consolidar num autêntico projeto régio sob a direção de Francesco La Vega e, posteriormente, mantida e aprimorada por Carlo Bonucci (1799-1870), como faz referência Brigitta Coers:

As práticas de recuperação antiquária e de musealização sem registro da descoberta foram gradualmente abandonadas, sob a direção e chefia do escavador Francesco La Vega, em favor de campanhas de escavação com o auxílio de planos e plantas. Sob o seu sucessor, Carlo Bonucci, tornou-se habitual, a partir de 1815, descobrir integralmente casas e vilas, conservando as estruturas murárias *in situ*, concomitantemente ao registro topográfico, o que permitiu finalmente observar a morfologia urbana (Coers, 2018, p. 96, tradução própria).

Caberá a Charles-François Mazois (1783-1826), o *compito* de sistematizar e publicar os avanços metodológicos decorridos sob a dominação francesa. Foram anos de efervescente registro e catalogação, que proporcionariam a futura publicação do espólio proveniente do avanço de desterro das ruínas vesuvianas (Gallo, 2018, p.109-115).

¹⁷ No original: “Il y aurait selon moi quelque chose de mieux à faire: ce serait de laisser les choses dans l’endroit où on les trouve et comme on les trouve, de remettre des toits, des plafonds, des planchers et des fenêtres, pour empêcher la dégradation des peintures et des murs; de relever l’ancienne enceinte de la ville, d’enclorre les portes; enfin d’y établir une garde de soldats avec quelques savants versés dans les arts. Ne serait-ce pas là le plus merveilleux musée de la terre?” (Chateaubriand, 2014, p. 49). Detalhada descrição da visita de François-René de Chateaubriand, vide: GALLETIER, Édouard. Chateaubriand à Pompéi (janvier 1804). In: *Annales de Bretagne et des pays de l’Ouest*. Tome 41, N.ºs 3-4. Rennes: Presses Universitaires, 1934, p. 307-315.

Considerações Finais

Como pudemos demonstrar, a preocupação com a proteção do acervo real e com a condução das escavações é, de fato, uma constante do governo borbônico (D'Alconzo, 2001, p. 509). Apesar das normativas régias vigentes e das severas penalizações aos infratores, o colecionismo e a espoliação decorrente do mercado de antiguidades cresce de forma desmedida (Iasiello, 2017, p. 15-28), a ponto de membros da diplomacia, como o notório caso de Sir William Hamilton, fazerem uso das relações com a Corte e do acesso privilegiado aos contextos arqueológicos para comporem, a título próprio, coleções e gabinetes de antiguidades (Hancarville, 1766-1776).

Em 1775, passaria a ser permitido aos visitantes o registro topográfico e a execução de desenhos de detalhe *in loco* dos edifícios, embora fosse expressamente exigida supervisão dos vigias e custódios (Ciardiello, 2009, p. 138). A importância da outorga régia aos visitantes e intelectuais reside no fato de doravante termos um registro imparcial do andamento dos trabalhos realizados nos sítios vesuvianos, ao que se conjuga o crescente intercâmbio epistolário e o debate profícuo no círculo intelectual europeu, com vista ao desenvolvimento de um quadro metodológico em prol da conservação e restauro (Gallo, 2017, p. 83-89).

Em Pompeia e nos demais sítios vesuvianos, os problemas de conservação revelaram ser uma constante no nível estrutural, porém, será o repertório pictórico que receberá, durante a consecutiva gestão francesa, particular atenção (Giovannone, 2009, p. 40; D'Alconzo, 2007, p. 135). Não obstante, em 1778, Giovanni Battista Piranesi realizaria um estudo para a cobertura do Templo de Ísis, bem como uma série de projeções com vista ao restauro do atrium tuscanicum da *Casa del Chirurgo* VI 1,9-10 (Piranesi, 1804, I-IV). Fato que denota a crescente preocupação com a estabilidade e conservação das estruturas murárias e a minimização do impacto decorrente dos agentes atmosféricos. Apesar da disciplina conservativa estar ainda nos seus alvares, é visível uma observância dos princípios vitruvianos associada ao exame das estruturas de cobertura originais. Pela primeira vez, assistimos ao conciliar a análise

das fontes clássicas com o exame da metodologia construtiva antiga (Feola, 2017a, p. 6-61). Este seria o princípio do desenvolvimento de um quadro interventivo, segundo os princípios teóricos do restauro moderno (Casiello, 2000, p. 87-92; Feola, 2017b, p. 107-113).

Referências

ALCUBIERRE, Roque Joaquín. *Not(icia) de las / Alajas de / Hercvlano / Pom(eya) y Estabia* (Lamina III). Manuscrito conservado na *Biblioteca della Società Napoletana di Storia Patria*, registrado com a assinatura XX.B.19bis. Nápoles. 1756.

ALMAGRO-GORBEA, Martín. La arqueología en la política cultural de la Corona de España en el siglo XVIII. In: Almagro-Gorbea, M.; Maier Allende, J. (eds.) *De Pompeya al Nuevo Mundo. La Corona Española y la Arqueología en el siglo XVIII*. Madrid: Real Academia de la Historia Patrimonio Nacional, 2012, p. 17-31.

ALLROGGEN-BEGEL, Agnes. Winckelmann und die Archäologie im Königreich Neapel. In: *Johann Joachim Winckelmann, neue Forschungen*. Eine Aufsatzsammlung (Schriften der Winckelmann-Gesellschaft 11). Stendal: Verlag Franz Philipp Rutzen in Ruhpolding, 1990, p. 27-46.

ALLROGGEN-BEDEL, Agnes. Archäologie und Politik: Herculaneum und Pompeji im 18. Jahrhundert. In: *Hephaistos*. Vol. 14. Hamburgo: Universität Hamburg, 1996, p. 217-252.

ALLROGGEN-BEGEL, Agnes; KAMMERER-GROTHAUS, Andreas. Il Museo Ercolanese di Portici. In: *La Villa dei papiri, Cronache Ercolanesi*, Supplemento 2, 1983, p. 83-128.

AVALLONE, Paola. Il controllo dei “forestieri” a Napoli tra XVI e XVIII secolo. Prime note. In: *Mediterranea*. Istituto di Studi sulle Società del Mediterraneo, CNR. Palermo: University Press, 2006, p. 169-178.

AVALLONE, Paola. Viaggiatori per “diporto” nella Napoli di Antico Regime. In: *Trimestrale del Laboratorio Territorio Mobilità e Ambiente*. Vol. 3. N.º 3. Napoli: Università degli Studi di Napoli Federico II, 2010, p. 73-84.

BARRELLA, Nadia. Dal “re proprio” all’unità: leggi e provvedimenti per il patrimonio storico artistico napoletano das 1755 al 1860. In: *Principi e principi della tutela. Episodi di storia della conservazione*

dei monumenti a Napoli tra Sette e Ottocento. Napoli: Luciano Editore, 2003, p. 1-63.

BENOIT, Raffaella; AMODIO, Maria; CIANCIULLI, Lucia; ORLANDO, Paolo. Turismo e archeologia nel XIX secolo: il ruolo dell'antico nella promozione delle città campane. In: Buccaro, A.; De Seta, C. (eds.) *Città mediterranee in trasformazione. Identità e immagine del paesaggio urbano tra Sette e Novecento*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 2014, p. 175-184.

BENKOWITZ, Carl Friedrich. *Reisen von Neapel in die Umliegenden Gegenden: Nebst Reminiscenzen von Meiner Rückreise nach Deutschland und Einigen Nachrichten Über das Letzte Erdbeben in Neapel*. Berlin: Friedrich Maurer Verlag, 1806.

BERRINO, Annunziata. Alle radici di una fortuna turistica: le prime descrizioni di Pompei nella guidistica. In: Gallo, L.; Maglio, A. (eds.) *Pompei nella cultura europea contemporanea*. Vol. 4. Napoli: Artstudiopaparo Edizioni, 2018, p. 23-32.

BIANCHETTI, Pierluigi; BON VALSASSINA, Caterina; TALARICO, Fabio. *Filologia dei materiali e trasmissione al futuro: indagini e schedatura sui dipinti murali del Museo Archeologico Nazionale di Napoli*. Roma: Gangemi Editore.

BLACK, Jeremy. *The British Abroad: The Grand Tour in the Eighteenth Century*. New York: St. Martin's Press, 1992.

BRAGANTINI, Irene. Lo scavo dei siti vesuviani e le antichità nelle lettere di Bernardo Tanucci a Carlo III. In: Cerullo, L. (ed.) *Carlo di Borbone. Un sovrano nel mosaico culturale dell'Europa*. Napoli: Università degli Studi di Napoli "L'Orientale", 2017, p. 207-219.

CAPUZZO, Ester. Due viaggiatrici inglesi tra Roma e la Campagna Romana: Ellis Cornelia Knight e Lady Philippina Deane. In: *Clio. Rivista Trimestrale di Studi Storici*. Vol. 49. N.ºs 1-2. Napoli: Edizione Scientifiche Italiane, 2013, p.7-28.

CARRAFIELLO, Tommaso. La grande stagione dell'archeologia: Ercolano, Pompei e Paestum. In: *La storia dell'arte*. Vol. 13. Roma: Gruppo Editoriale l'Espresso, 2006, p. 165-181.

CASERO, Cristina. Il paesaggio in età iluminista: natura e memoria classica. In: Biscottini, P.; Bianchi, E. (eds.) *Lo sguardo sulla natura. Luce e paesaggio da Lorrain a Turner*. Milano: Silvana Editore, 2008, p. 37-47.

CASIELLO, Stella. Restauri in Campania nella prima metà dell'Ottocento. In: Ascione, I. (ed.) *Beni culturali a Napoli nell'Ottocento*. Pubblicazioni degli Archivi di Stato 61. Roma: Libreria dello Stato, 2000, p. 81-92.

CESERANI, Giovanna, CAVIGLIA, Giorgio; COLEMAN, Thea de Armond; MURRAY, Sarah; TAYLOR-POLESKEY, Molly. British travelers in eighteenth-century Italy: the *Grand Tour* and the profession of architecture. In: *American Historical Review*. Vol. 122, N° 2. Oxford: University Press, 2017, p. 425-450.

CHATEAUBRIAND, François-René. *Voyage en Italie: Nouvelle édition augmentée*. Paris: Arvensa Éditions, 2014.

CIARALLO, Annamaria. *Scienziati a Pompei tra Settecento e Ottocento*. Studi della Soprintendenza Archeologica di Pompei 14. Roma: «L'ERMA» di BRETSCHNEIDER, 2007.

CIARDIELLO, Rosaria. L'Archeologia dei Borbone nella cultura europea. In: Aversano, I.; Coppola, R.; Porzio, G. (eds.) *I Borbone di Napoli*. Napoli: Franco Di Mauro Editore, 2009, p. 137-149.

COERS, Birgitta. *Die Farbe des Vergangenen: Pompeji in der Kunst der Moderne*. Berlin: LIT Verlag, 2018.

D'ALCONZO, Paola. La tutela del patrimonio archeologico nel Regno di Napoli tra Sette e Ottocento. In: *Mélanges de L'Ecole française de Rome. Italie et Méditerranée*. Tome 113. N.º 2, 2001, p. 507-537.

D'ALCONZO, Paola. *Pinturæ Excisæ. Conservazione e restauro dei dipinti Ercolanesi e Pompeiani tra XVIII e XIX secolo*. Studi della Soprintendenza Archeologica di Pompei 8. Roma: «L'ERMA» di BRETSCHNEIDER, 2002.

D'ALCONZO, Paola. Da «imbrattatele» a «uomo di merito nella restaurazione». Giovanni d'Episcopo, restauratore di dipinti del Real Museo di Napoli tra Antico Regime e Decennio Francese. In: D'Alconzo, P. (ed.) *Gli Uomini e le Cose*. I. *Figure di restauratori e casi di restauro in Italia tra XVIII e XX secolo*. Saggi 7. Napoli: ClioPress, 2007, p. 119-155.

D'ALCONZO, Paola. Carlo di Borbone a Napoli: passioni archeologiche e immagine della monarchia. In: Antonelli, A. (ed.) *Cerimoniale dei Borbone di Napoli 1734-1801*. Napoli: Arte'm, 2017, p. 127-145.

D'ANGELO, Fabio. Napoli: *il fascino di una città dai diari dei viaggiatori francesi e italiani*. In: Buccaro, A.; De Seta, C. (eds.) *Città mediterranee in trasformazione. Identità e immagine del paesaggio urbano tra Sette e Novecento*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 2014, p. 151-160.

DE VOS, Mariette. Camillo Paderni, la tradizione antiquaria romana e i collezionisti inglesi. In: Dell'Orto, L. (ed.) *Ercolano 1738-1988: 250 anni di ricerca archeologica*. Soprintendenza Archeologica di Pompei e Centro Universitario Europeo per i beni culturali di Ravello. Roma: «L'ERMA» di BRETSCHNEIDER, 1993, p. 99-116.

DI FILIPPO, Marina. Per una storia dei rapporti fra il Regno di Napoli e l'Impero Russo. In: Rizzi, D.; Shishkin, A. (eds.) *Archivio Russo-Italiano*. Vol. 4. Salerno: Europa Orientalis, 2005, p. 243- 295.

FEOLA, Giuseppe. *Il futuro delle rovine. La protezione delle evidenze archeologiche*. Tesi di Dottorato di Ricerca in Architettura – XXIX ciclo. Patrimonio architettonico e paesaggio: storia e restauro. Napoli: Università degli Studi di Napoli Federico II, 2017a.

FEOLA, Giuseppe. Le coperture moderne negli scavi di Pompei: fonti iconografiche e istanze conservative. In: *Rivista Eikonocritica*. Ano 2. N.º 2. Napoli: Università degli Studi di Napoli Federico II, 2017b, p. 107-119.

FERNÁNDEZ MURGA, Félix. *Los ingenieros españoles Roque Joaquín de Alcubierre y Francisco Lavega, descubridores de Herculano, Pompeya y Estabia*. Tesis Doctoral. Madrid: Facultad de Filosofía y Letras, 1964.

FERNÁNDEZ MURGA, Félix. Pompeya en la literatura española. In: *Annali dell'Istituto Universitario Orientale*. Sezione Romanza. Vol. 7, N.º 1. Napoli: UNIOR, 1965, p. 5-52.

FERNÁNDEZ MURGA, Félix. *Carlos III y el descubrimiento de Herculano, Pompeya y Estabia*. Acta Salmanticensia. Estudios Historicos y Geograficos 56. Salamanca: Gráficas Ortega, 1989.

FERRARI, Stefano. I viaggi in Campania di Winckelmann (1758-1767): con particolari inediti alla luce di un nuovo documento. In: Cioffi, R.; Martelli, S.; Cecere, I.; Brevetti, G. (eds.) *La Campania e il Grand Tour. Immagini, luoghi e racconti di viaggio tra Settecento e Ottocento*. Roma: «L'ERMA» di BRETSCHNEIDER, 2015, p. 249-260.

FINO, Lucio. *Il Vesuvio nel Grand Tour. Vedute e scritti di tre secoli*. Napoli: Grimaldi Editori, 2012.

GALANTI, Giuseppe Maria. *Della descrizione geografica e politica delle Sicilie*. Tomo IV. Napoli: Presso li Socj del Gabinetto Letterario, 1790.

GALLETIER, Édouard. Chateaubriand à Pompéi (janvier 1804). In: *Annales de Bretagne et des pays de l'Ouest*. Tome 41, N.ºs 3-4. Rennes: Presses Universitaires, 1934, p. 307-315.

GALLO, Luigi. Pompei natura e storia. In: Osanna, M.; Vilianni, A. (eds.) *Pompei@Madre*. Milano: Mondadori Electa, 2017, p. 83-89.

GALLO, Luigi. Metodo e Scienza. François Mazois (1783-1826), ingegnere, architetto e restauratore. In: Gallo, L.; Maglio, A. (eds.) *Pompei nella Cultura Europea Contemporanea*. Napoli: Artstudiopaparo, 2018, p. 103-115.

GARDELLI, Paolo. Stabiae and the beginning of European Archaeology: from looting to science. In: Mal'tseva, S.V.; Staniukovich-Denisova, E.I.; Zakharova, A.V. (eds.) *Actual Problems of Theory and History of Art: Collection of articles*. Vol. 8. St. Petersburg: University Press, 2018, p. 681-690.

GIOVANNONE, Carla; GUGLIELMI, Antonio; PRISCO, Gabriella. Stucature ed integrazioni. In: Prisco, G. (ed.) *Filologia dei materiali e trasmissione al futuro: indagini e schedatura sui dipinti murali del Museo Archeologico Nazionale di Napoli*. Roma: Gangemi Editore, 2009, p. 37-44.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Goethe's poetische und prosaische Werke in zwei Bänden*. Stuttgart und Tübingen: Verlag der J.G. Cotta'schen Buchhandlung, 1837.

HAMILTON, William. *Campi Phlegræi. Observations on the volcanos of the two Siciles. As they have been communicated to the Royal Society of London. By Sir William Hamilton [...]* To which, in Order to convey the most precise idea of each remark, a new and accurate Map is annexed, with 54 plates illuminated from Drawings taken and colour'd after Nature, under the inspection of the Author, by the Editor Mr. Peter Fabris. Napoli: Editor Mr. Peter Fabris, 1776.

HAMILTON, William. *Account of the discoveries at Pompeii, communicated to the Society of Antiquaries of London*. London: Printed by W. Bowyer and J. Nichols, 1777.

HAMILTON, William. *Œuvres Completttes de M. Le Chevalier Hamilton, Ministre du Roi d'Angleterre à la Cour de Naples, Chevalier de l'Ordre du Bain, Membre de la Société Royale de Londres. Commentées par M. l'Abbé Giraud-Soulavie*. Paris:

Chez Moutard, Imprimeur-Libraire de la Reine, de Madame, de Madame la Comtessed'Artois, & de l'Académie des Sciences, 1781.

HANCARVILLE, Pierre François. *Collection of etruscan, greek and roman antiquities from the cabinet of the Honble. Wm. Hamilton [...]* *Antiquités étrusques, grecques et romaines. Tirées du cabinet de M. Hamilton, envoyé extraordinaire de S.M. britannique en cour de Naples.* Vol. 1. Napoli: Par François Morelli, 1766-1776.

HOLSTEIN, Lucas. *Annotationes in Geographiam Sacrum Caroli a S. Paulo; Italiam Antiquam Cluverii et Thesaurum Geographicum Ortelii, quibus accedit Dissertatio duplex de Sacramento confirmationis apud Graecos.* Romæ: Typis Iacobi Dragondelli, 1666.

IASIELLO, Italo. *Napoli da capitale a periferia: archeologia e mercato antiquario in Campania nella seconda metà dell'Ottocento.* Tesi di Dottorato di Ricerca in Scienze Archeologiche e Storico-Artistiche – XXIV ciclo. Napoli: Università degli Studi Federico II, 2017.

KUNZE, Max. *Pompeji 79-1979. Beiträge zum Vesuvausbruch und seiner Nachwirkung.* Stendal: Winckelmann-Gesellschaft, 1982.

LATTANZI, Lorenzo. Da Dresda a Roma: Winckelmann e il conte Brühl. In: Koch, C. (ed.) *Heinrich Graf von Brühl. Ein sächsischer Mäzen in Europa.* Dresden: Sandstein Verlag, 2017, p. 282-299.

LEANDER TOUATI, Anne-Marie; CEDERLÖF, Ulf. Observations on the museums in Portici and the vesuvian sites made by two swedish professionals in 1756 and 1768, respectively. In: *Returns to Pompeii.* Acta Instituti Romani Regni Sueciæ, Series in 4º, Nº 62. Stockholm: Institutet i Rom, 2016, p. 151-166.

MEA, Giuseppe. Viaggiatori portoghesi in Italia nella prima metà del Novecento. In: *Estudos Italianos em Portugal.* Nova Série. Nº 10. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 35-56.

MISSIRINI, Melchior. *Vita di Antonio Canova. Libri Quattro*. Collana Fonti e Testi di Horti Hesperidum 10. Roma: UniversItalia, 2016.

MOE, Nelson. *The view from Vesuvius. Italian culture and the Southern question*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2006.

MONDINI, Maurizio. *Luigi Basiletti (1780-1859). Paesaggi e vedute nell'Italia del Grand Tour*. Brescia: Scripta Edizioni, 2017.

MOORMANN, Eric. Guides in the Vesuvius Area eternalised in travelogues and fiction. In: *Rivista di Studi Pompeiani* 5. Roma: «L'ERMA» di BRETSCHNEIDER, 2003, p. 31-48.

MOORMANN, Eric. *Pompeii's ashes. The reception of the cities buried by Vesuvius in Literatura, Music and Drama*. Berlin: De Gruyter, 2015.

MOORMANN, Eric. The appreciation of Pompeii's architectural remains in the late 18th and early 19th century. In: *Architectural Histories*. Vol. 6 (1): 24. Open Access Journal of the EAHN, 2018, p. 1-11.

MORA, Gloria. *Historias de mármol. La Arqueología Clásica Española en el siglo XVIII*. Anejos de AEspA XVIII. Archivo Español de Arqueología. Madrid: Ediciones Polifemo, 1998.

PAGANO, Mario. *I diari di scavo di Pompei, Ercolano e Stabia di Francesco e Pietro La Vega (1764-1810): raccolta e studio di documenti inediti*. Roma: «L'ERMA» di BRETSCHNEIDER, 1997.

PAPAGNA, Elena. Construire e ricostruire una corte nel settecento: Carlo di Borbone a Napoli. In: Martínez Millán, J. (et alii). (eds.) *La Corte de los Borbones: crisis del modelo cortesano*. Vol. 1. Madrid: Ediciones Polifemo, 2013, p. 301-335.

PAPAGNA, Elena. Feste di piazza e cerimonie di palazzo nella Napoli borbonica: le celebrazioni per la nascita della real prole. In: *Mélanges de l'École*

Française de Rome – Italie et Méditerranée modernes et contemporaines. Vol. 127, N° 1. Paris: OpenEdition Books, 2015, p. 1- 31.

PAPAGNA, Elena. Cerimoniale e cerimonie di corte nel Settecento napoletano. In: Antonelli, A. (ed.) *Cerimoniale dei Borbone di Napoli 1734-1801*. Napoli: Arte'm, 2017, p.109-125.

PÉREZ SABORIDO, Ana Elisa. Dissemination of antiquity: travelling through the fragments of the vesuvian are in the world. In: Belli, G.; Capano, F.; Pascariello, M. (eds.) *La città, il viaggio, il turismo. Percezione, produzione e trasformazione*. Napoli: Centro Interdipartimentale di Ricerca sull'Iconografia della Città Europea, 2017, p. 2127-2132.

PINGARO, Claudia. Nuove acquisizioni territoriali. L'Impero Russo nel secolo dei Lumi. In: *Ciencia Nueva. Revista de Historia y Política*. Vol. 2. N.º 1. Colombia: Universidad Tecnológica de Pereira, 2018, p. 100-117.

PIRANESI, Giovanni Battista. *Antichità della Grande Grecia oggi nel Reame di Napoli. Dai disegni originali di Giovan Battista Piranesi*. Paris, 1804.

PLINY, The Elder. *Natural History. Books 33-35. Translated by Harris Rackham*. Vol. 9. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1952.

PRISCO, Gabriella. Restauri per via di mettere, restauri per via di togliere. Alla ricerca di un metodo nelle o" cine di Portici. In: Cantilena, R.; Porzio, A. (eds.) *Herculanense Museum. Laboratorio sull'antico nella Reggia di Portici*. Milano: Mondadori Electa, 2008, p.189-207.

[REALE ACCADEMIA ERCOLANESI]. *Le Antichità di Ercolano Esposte. Le Pitture Antiche d'Ercolano*. Tomo Primo. Napoli: Regia Stamperia, 1757.

ROBERTS, Charlotte. Living with the ancient romans: past and present in eighteenth-century encounters with Herculaneum and Pompeii. In: *Huntington*

Library Quarterly. Vol. 78. N.º 1. Pennsylvania: University Press, 2015, p. 61-85.

ROETTGEN, Steffi. German painters in Naples and their contribution to the revival de antiquity 1760-1799. In: Mattusch, C. (ed.) *Rediscovering the ancient world on the Bay of Naples, 1710-1890*. Studies in the History of Art 79. Symposium Papers 56. Washington: National Gallery of Art, 2013, p. 123-140.

ROSSI, Simona. Pompei: la fortuna visive e il mito. In: Belli, G.; Capano, F.; Pascariello, M. (eds.) *La città, il viaggio, il turismo. Percezione, produzione e trasformazione*. Nápoles: Centro Interdipartimentale di Ricerca sull'Iconografia della Città Europea, 2017, p. 2113-2117.

RUGGIERI, Nicolo. Il restauro dell'architettura nel Regno di Napoli (1734-1799) criteri e metodi d'intervento. In: *Bollettino Ingegneri*. Vol. 11-12. Firenze: Edito da Collegio degli Ingegneri della Toscana, 2017, p. 14-22.

SAINT-NON, Jean Claude Richard de. *Voyage pittoresque ou Description des royaumes de Naples et de Sicile*. Paris, 1781-1786.

[SEGRETERIA DI STATO]. *Nuova collezione delle Prammatiche del Regno di Napoli*. Tomo IV. Napoli: Stamperia Simoniana, 1804.

TROTTA, Antonella. Curiosità archeologiche e peripezie del gusto. Il museo di Portici nelle Letters from Italy di Lady Anna Miller. In: Cantilena, R.; Porzio, A. (eds.) *Herculanense Museum. Laboratorio sull'antico nella Reggia di Portici*. Milano: Mondadori Electa, 2008, p. 93-104.

VÁZQUEZ GESTAL, Pablo. Ricomporre un popolo abbandonato, e formarne una Nazione: Camillo Paderni e il ritratto di Carlo di Borbone de 'Le Antichità di Ercolano Esposte. In: *Verso la riforma della Spagna*. Vol. 2. Napoli: Istituto Italiano per gli Studi Filosofici, 2016, p. 373-410.

VITRUVIUS, Marcus. *On Architecture. Books 1-5. Translated by Frank Granger*. Vol. 2. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1931.

WINCKELMANN, Johann Joachim. *Sendschreiben von den Herculanischen Entdeckungen: an den Hochgebohrnen Herrn, Herrn Heinrich Reichsgrafen von Brühl*. Dresden: Berlegts George Conrad Walther Verlag, 1762.

WINCKELMANN, Johann Joachim. *Lettre de M. L'Abbé Winckelmann, Antiquaire de Sa Sainteté, a Monsieur Le Comte De Brühl: traduit de l'allemand*. A Dresden; & se trouve à Paris: Chez N. M. Tilliard, quai des Augustins, à S. Benoît, 1764.

WINCKELMANN, Johann Joachim. Notizie su altre antichità di Pompei, di Stabbia, di Pello, e di Caserta. In: *Antologia Romana* XII. Roma: Supplemento a *Horti Hesperidum*, 1779, p. 89-92.

WINCKELMANN, Johann Joachim. *Histoire de l'Art chez les Anciens par M. Winckelmann; traduite de l'allemand par M. Huber*. Tome II. Paris: Chez Barrois [et] Savoye, 1789, p. 138-163.

ZEVI, Fausto. La storia degli scavi e della documentazione. In: *Pompei 1748 - 1980. I tempi della documentazione*. Istituto Centrale per il Catalogo e la Documentazione. Roma: Multigrafica Editrice, 1981, p. 11- 21.

Recebido em: 31 de agosto de 2025

Aceito em: 22 de setembro de 2025